

UM OLHAR OUTRO

Continuamos com o capítulo VII do livro *Falso Testimonio*, iniciado na semana passada.

Isaac Newton (1642/1727) afirmou um dia que «se eu conseguisse ver mais longe foi porque me pus nos ombros de gigantes». Esta frase contradiz a ideia de que no século XVI se deu uma revolução científica, como se pensa na cultura ocidental, e Steven Shapin escreveu uma obra a justificá-lo, dizendo que não houve revolução científica, antes foi a ciência que entrou maioridade. E no contexto de todo o livro, Stark põe-se a questão se os grandes cientistas citados (ver número anterior) foram «ilustrados» em rebelião contra a Igreja e principalmente protestantes.

E afirma que foram os filósofos do século XVIII que inventaram o conceito de Idade das Trevas, referindo-se à Idade Média, para desacreditar o cristianismo, classificando o tempo deles como de «luminismo», «dando a entender que o obscurantismo religioso tinha sido finalmente dissipado pelo humanismo laico». E cita Bertrand Russell (1872-1970), Voltaire, Rousseau, Locke, Hume e outros, «que se envolveram pessoalmente nos êxitos da 'revolução científica' para celebrar a vitória do laicismo, que acabou por levar à afirmação do Marquês de Laplace, segundo o qual Deus era agora uma hipótese desnecessária». Stark, na sua investigação, desmonta tais teorias com dados concretos: «Treze das estrelas científicas (25%) eram membros do clero, e nove eram católicos romanos». Depois analisa os dados relativos à «piedade pessoal», para afirmar que «Claramente, os impressionantes êxitos científicos dos séculos XVI e XVII não foram obra de céticos, mas de homens de sincera fé cristã, 60% dos quais podem mesmo classificar-se como homens piedosos. A era do Iluminismo é tão fictícia quanto a Idade das Trevas, ambas inventadas pelas mesmas pessoas e por idênticas razões».

Sobre as origens religiosas da ciência, Stark cita o grande filósofo e matemático Alfred North Whitehead que, num ciclo de conferências em Harvard em 1925, «explicou que a ciência se tinha desenvolvido na Europa porque no continente europeu estava amplamente difundida a 'fé na possibilidade da ciência (...), fé derivada da teologia medieval». Tal afirmação escandalizou a muitos: «Como era possível que este pensador mundialmente famoso (...) não estivesse inteirado de que a religião é inimiga implacável da ciência?».

E conclui: «Whitehead tinha reconhecido que a teologia cristã era essencial para explicar a origem e o auge da ciência, de modo igual que outras teologias não cristãs tinham sufocado a iniciativa científica em muitos outros lugares».

Confrontado as tradições religiosas, Stark afirma que «a concepção judaica de Deus é tão apropriada para apoiar a ciência como a concepção cristã», mas «no que respeita ao Islão, a concepção ortodoxa de Alá mostra-se hostil à investigação científica. (...) Por isso, ao longo dos séculos, muitos dos sábios muçulmanos mais influentes sustentaram que todos os esforços por formular leis naturais são blasfêmia, porque pareceriam negar a liberdade de Alá para actuar. Neste sentido, as imagens de Deus e do universo contribuíram para bloquear os esforços científicos na China, na Grécia Antiga e no Islão».

Claro que o caso Galileu não pode ser omitido. A leitura que Stark apresenta, e fundamenta, é bem diferente da que conhecemos. E refuta a ideia de Galileu como «heróico mártir da fé cega», condenado na masmorra da Inquisição, como afirmou Voltaire ou «submetido a tortura por dizer que a Terra se movia», como disse Giuseppe Barreti (1719-1789).

De facto, «tanto Lutero como o papa se opuseram à teoria de Copérnico, e ambos tentaram rejeitá-la, mas os seus esforços tiveram pouco impacto e nunca foram muito vigorosos». Importa, no entanto, aprofundar o caso de Galileu, um tema sempre apetecido para quem se deleita em fazer acusações à Igreja. É o que faremos no próximo número.

P. Abílio Cardoso

«EMPRESAS NÃO ESTÃO DO LADO DO PROBLEMA, ESTÃO DO LADO DA SOLUÇÃO»



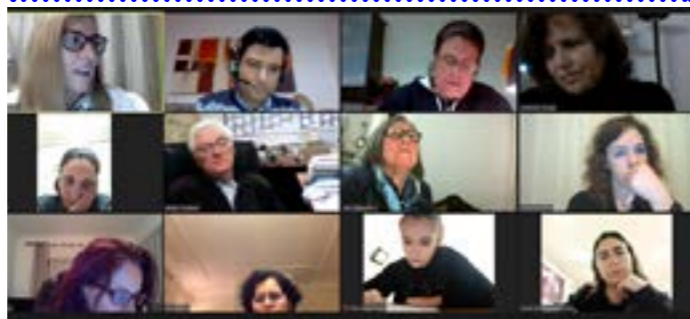
Durante três dias, jovens de 120 países reuniram-se online para o encontro mundial 'A Economia de Francisco'. Jovens economistas, empresários e empresárias, professores, prémios Nobel responderam ao convite do Papa para projetar uma nova economia, que "faz viver e não mata", uma economia inclusiva, que pensa nas pessoas e na "casa comum".

Rita Sacramento Monteiro, In Ecclesia, Nov 22, 2020

"O meu maior orgulho hoje, a minha alegria de pai, é que os meus seis filhos guardaram o tesouro da sua educação cristã. São católicos praticantes. Amadureci o meu relacionamento com Deus nos teatros de guerra e no contato com a morte, com os feridos e com as famílias enlutadas. Do Kosovo ao Afeganistão, acompanhei-me sempre a Palavra do Evangelho que reforçou o meu compromisso com Cristo: "Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos" (Jo 15, 13)".



General Pierre de Villiers, profundamente amado pelos soldados franceses é uma verdadeira instituição em França. Decidiu renunciar ao cargo de Chefe do Estado-Maior da Defesa por desentendimentos com o presidente Macroni, "Entrevista", www.religionenlibertad.com, 09.11.2020



Tendo-se mantido de modo presencial durante cerca de um mês, a catequese das nossas crianças mantém-se agora de modo online em sessão semanal aos sábados às 15.00.

O Prior manifesta publicamente o seu louvor a Deus e a sua gratidão ao bom grupo de catequistas pelo esforço acrescido que lhes é pedido e pelo modo como têm conseguido manter o contacto com as crianças e com os pais, como o testemunharam em recente reunião.

Preparamos agora o Advento, em condições únicas, antevendo-se também as celebrações natalícias de modo nunca antes visto. Saibamos, todos, viver o Advento e preparar o Natal, com criatividade, sabendo que o essencial nunca será afectado: o nascimento de Jesus. Com muitas ou poucas pessoas, de modo único, quem sabe se não iremos descobrir tantas coisas supérfluas, que, afinal, não são necessárias para o verdadeiro natal.



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 48 - 29 de Novembro de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Vem, Senhor - O mesmo grito de Advento como Único

Se o ano litúrgico findo terminou com o juízo final, para onde aponta a vida do crente, no seu encontro definitivo com o Pai, sempre disposto a acolher no seu Reino, o início de um novo ano litúrgico começa com um apelo forte à vigilância, traduzida esta em comportamentos responsáveis, como filhos que somos. Vigiar, palavra tantas vezes repetida no evangelho, é a atitude do crente que se esforça por «manter o coração sintonizado com o coração de Deus» até porque «a realidade deste mundo é penúltima, não Última. Neste cenário passageiro, há, porém, uma realidade que não passa: a palavra de Jesus (Marcos 13, 31). Salta à vista, portanto, que é a esta âncora que nos devemos agarrar, e não à poeira das nossas grandezas ilusórias!» (D. António Couto).

Eis-nos no Advento, uma vez mais, preparando-nos para um acontecimento decisivo: uma intervenção única de Deus na história da humanidade. Nesta «roda do tempo» poderemos ser tentados a pensar que é caminho já percorrido, conhecido, sem novidade.

SIM! HAVERÁ NATAL

O Pe. Javier Leoz, pároco de São Lourenço em Pamplona, Espanha, publicou a sua reflexão sobre o Natal, em forma de poema, que, lido pelo Papa Francisco, lhe mereceu um telefonema.

NÃO HAVERÁ NATAL?

Claro que sim!

Mais silencioso e com mais profundidade,
Mais parecido com o primeiro em que Jesus nasceu em solidão.

Sem muitas luzes na terra,
mas com a da estrela de Belém
fulgurando trilhas de vida em sua imensidão.

Sem cortejos reais colossais,
mas com a humildade de sentir-nos
pastores e servos buscando a Verdade.

Sem grandes mesas e com amargas ausências,
mas com a presença de um Deus que tudo plenificará.

Não haverá natal?

Claro que sim!

Sem as ruas a transbordar,
mas com o coração aquecido
pelo que está por chegar.
Sem barulhos nem ruídos,
propagandas ou foguetes...
mas vivendo o Mistério sem medo
do "covid-herodes" que pretende
tirar-nos até o sonho da esperança.

Haverá Natal porque Deus está ao nosso lado
e partilha, como Cristo no presépio,
nossa pobreza, prova, pranto, angústia e orfandade.
Haverá Natal porque necessitamos
de uma luz divina no meio de tanta escuridão.

A Covid19 nunca poderá chegar ao coração nem à alma
dos que no céu põem sua esperança e seu maior ideal.

Haverá Natal!

Cantaremos nossos cantos natalícios!
Deus nascerá e nos trará a liberdade!

Frei Acilio Mendes, (tradução livre do espanhol)

NOVOS HORÁRIOS DAS MISSAS

Face às restrições impostas por causa da pandemia, relativamente aos próximos dias 1 (feriado), 5, 6, 7 e 8 (dia santo) de dezembro, evitadas as celebrações à tarde, anunciam-se as missas a celebrar:

- Segunda-feira, 30 NOV:

- 09.00 (Senhor da Cruz)
- 10.00 (Igreja do Terço)
- 11.00 (Igreja Matriz)

- Terça-feira, 1 DEZ:

- 9.00 (Senhor da Cruz)
- 11.00 (Igreja Matriz)

- Sábado, 5 DEZ:

- 09.00 (Senhor da Cruz)
- 10.00 (Igreja do Terço)
- 11.00 (Igreja Matriz)
- 12.00 (Capela de S. José)

- Domingo, 6 DEZ:

- 09.00 (Senhor da Cruz)
- 11.00 (Igreja Matriz)
- 12.00 (Senhor da Cruz)

- Segunda-feira, 7 DEZ:

- 09.00 (Senhor da Cruz)
- 10.00 (Igreja do Terço)
- 11.00 (Igreja Matriz)
- 12.00 (Capela de S. José)

- Terça-feira, 8 DEZ:

- 9.00 (Senhor da Cruz)
- 10.00 (Igreja do Terço)
- 11.00 (Igreja Matriz)
- 12.00 (Senhor da Cruz)

Verdadeiramente não é assim. Como acontece na vida de todos, por mais repetidos que sejam certos acontecimentos, eles não deixam de trazer algo de novo. É que, se eles se repetem, a nossa vida só aparentemente é a mesma. As necessidades vitais, repetidas todos os dias, mantêm sempre a força de um momento único. Somos as mesmas pessoas mas cada um de nós atravessa o tempo em passos únicos. Então, durante quatro semanas acolhamos o apelo que Deus, pela Igreja, faz à nossa consciência. É que cada momento da nossa vida conta, tem importância única e é no agora que Deus intervém. Ele quer morar com a Humanidade. A Divindade desce para que a Humanidade, tu e eu, suba. Natal, mais uma vez. Mas nunca o mesmo. E não apenas pelas circunstâncias da pandemia. O que se nos anuncia é a comunhão de cada um com o Filho de Deus.

O Prior - P. Abílio Cardoso

PADRES CAPUCHINHOS

O vírus também atingiu alguns irmãos Capuchinhos da Fraternidade de Santo António, razão pela qual não têm celebrado na Igreja do Terço. As últimas informações são animadoras, pensando-se que muito em breve todos possam retomar a missão. Rezemos para que tal aconteça.

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
I DOMINGO DO ADVENTO**
**Senhor nosso Deus, fazei-nos voltar,
mostrai-nos o vosso rosto e seremos salvos**
SEGUNDA, 30 – S. André

 Leituras: Rom 10, 9-19
Mt 4, 18-22

 09.00 (Senhor da Cruz): Pelas almas do Purgatório
10.00 (Terço): Carla Patrícia Simões da Silva e pais
11.00 (Matriz): Paula Maria Lopes Lourenço (5º aniv.)

TERÇA, 1 – Leituras: Is 11, 1-10

Lc 10, 21-24

 09.00 (Senhor da Cruz): Albertina Costa Martins e marido
11.00 (Matriz): Maria do Carmo Antunes da Silva

QUARTA, 2 – Leituras: Is 25, 6-10a

Mt 15, 29-37

 09.00 (Senhor da Cruz): Laurinda Carvalho Ferreira
15.30 (Terço): Augusto Dias Salgueiro, esposa e filhas
19.00 (Matriz): Manuel Martins Leal Pinto, esposa e filhos

QUINTA, 3 – S. Francisco Xavier

 Leituras: Is 26, 1-6
Mt 7, 21. 24-27

08.00 (São José): Maria do Carmo Antunes da Silva

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Alves Pereira

15.30 (Terço): Maria de Lurdes Oliveira Barbosa

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

 - Zulmira da Silva Esteves (27º aniv.)
- Maria Luísa Sousa Nunes e familiares
- Elvira Barbosa Coelho (7º dia)
- Maria Arminda Evangelista Lima

SEXTA, 4 – S. João Damasceno

 Leituras: Is 29, 17-24
Mt 9, 27-31

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Abilheira

15.30 (Terço): Maria de Lurdes Oliveira Barbosa

19.00 (Matriz):

**SÁBADO, 5 – S. Frutuoso, S. Martinho de Dume
e S. Geraldo**

 Leituras: Is 30, 19-21. 23-26
Mt 9, 35-10, 1. 6-8

09.00 (Senhor da Cruz): Albertina Costa Martins

e António Fernandes Costa

10.00 (Terço): Pelas almas do Purgatório

11.00 (Matriz – Intenções colectivas):

- Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves

- José Luís Martins e esposa Lídia

12.00 (São José): Rui Nuno Silva Loureiro

DOMINGO, 6 – II DA ADVENTO

 Leituras: Is 40, 1-5. 9-11
2 Pedro 3, 8-14
Mc 1, 1-8

9.00 (Senhor da Cruz): Eduardo Manuel G. Cardoso (aniv.) e esposa

11.00 (Matriz): Pelo povo

12.00 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade


UMA «MULTI-ESPERANÇA» PARA VENCER A «MULTICRISE»

1. O (devastador) percurso da pandemia está a ser longo e sumamente doloroso. Sabemos que a «tempestade» há-de passar. Mas até chegar esse momento, a humanidade estará submetida a um arfante estendal de sofrimento.

2. Estamos perante uma dantesca crise sanitária. Mas que acaba por arrastar uma profundíssima crise económica, social, institucional, relacional e até afectiva. Já são localizáveis marcas desmedidas nas pessoas, nas empresas e nos relacionamentos.

3. Há quem já esteja no desemprego. Há muitos que já não se subtraem à fome. Enfim, há vidas que estão a ser devoradas pelo desespero e torturadas pela solidão. Esta é, pois, uma «multicrise», que não deixa ninguém de lado e que nos coloca a todos em risco.

4. Desta «multicrise» faz parte uma menor atenção dispensada a quem padece de outras patologias e a quem está afectado por outro género de problemas. Acresce que, além do que estamos a fazer, somos sobressaltados pela inquietação acerca do que será o melhor para realizar.

5. Quando tudo passar, vamos sentir uma infundável sensação de alívio. Mas tal sensação não repõe as vidas que foram consumidas pelo novo coronavírus e por outras enfermidades. Os efeitos da pandemia – coligados com as consequências de algumas medidas – estão a arrastar muitos para a contestação e inclusive para a violência.

6. Afinal, a humanidade, que tanto avança no conhecimento de um universo infinitamente grande, vê-se a colapsar perante um tortuoso organismo, infinitamente pequeno. É notória

a incerteza e cada vez mais visíveis as explosões de revolta. Todos parecem ter razão e quase ninguém parece conseguir manter a racionalidade.

7. Também nós, cristãos, nos descobrimos, por vezes, a trilhar terrenos pouco seguros. A fé não nos retira humanidade. Sentimos – e sofremos – com todos e como todos. No fundo, nem nos podemos ver ou tocar. Os rostos como que nos surgem embaciados pelas máscaras e a proximidade pode transportar um perigo. Enquanto seres sensitivos, estamos impedidos de expressar plenamente o que nos vai na alma.

8. Que fazer? Não podemos optar por constituir uma «Igreja inactiva». Mas temos de procurar oferecer algumas «práticas alternativas». Nesta hora, o nosso primeiro grande dever é proteger. Não se trata de ficar imobilizado, mas de agir com prudência, oferecendo acolhimento e so- lidariedade.

9. Temos de perceber que também necessitamos de «mártires vivos». Uma coisa é não fugir da ameaça; outra coisa, é procurá-la deliberadamente. A Igreja – desde a antiguidade – nunca aprovou a «iactatio martyrii». Definitivamente, a temeridade não é opção para um cristão.

10. Temos de encontrar formas – nas celebrações e nos contactos que possamos ter – de oferecer esperança. Para uma «multicrise», uma «multi-esperança». É nosso dever e é a maneira de melhor proteger. Deus continua presente na nossa história. E sobre cada sofredor Ele derrama copiosas torrentes de amor!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 24.11.2020

ÓRGÃOS SOCIAIS DAS CONFRARIAS

Com o aproximar do fim do ano, impõe-se lembrar às Mesas das Confrarias da cidade a necessidade de promoverem eleições para os novos corpos gerentes, já que, na sua maioria, os mandatos terminam a 31 de Dezembro. As eleições deverão ocorrer antes do Natal, de modo a que os novos corpos gerentes iniciem a sua actividade em janeiro, sendo que o relatório de contas de 2020 deve ser apresentado pela Mesa actual e aprovado em assembleia geral.

JURAMENTO DA IMACULADA

Um dos escassos legados da breve prelazia de D. Sebastião de Matos de Noronha na Igreja bracarense foi o Sínodo realizado em 1637.

Esta magna assembleia diocesana pretendia fazer aprovar umas novas Constituições, já que a versão em vigor recuava a 1537. Apesar de D. Frei Agostinho de Jesus e D. Rodrigo da Cunha terem promovido propostas de revisão, nunca chegaram a concretizar os seus intentos. As novas constituições diocesanas, que incorporaram ligeiras alterações, seriam aprovadas, todavia só seriam publicadas em 1697.

Na última sessão do Sínodo ocorreu um inesperado momento: o juramento da Imaculada Conceição por todo o clero presente. "Prometemos e juramos (...) de sempre termos e guardarmos e defendermos que a Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem mácula do pecado original". Este ato antecipa a consagração de Portugal a esta invocação mariana, que decorreria em 1646, e também a proclamação do dogma pela Igreja, concretizada apenas em 1854. A cidade de Braga confirmava assim a sua inclinação especial para este culto mariano, que faria surgir, entre outros, o santuário do Sameiro (DM).

EQUIPA SÓCIO-CARITATIVA – PEDITÓRIO

Existe na Paróquia uma Equipa Sócio-caritativa que, em nome de todos nós, está atenta às situações de carência social para o exercício organizado da caridade. Ela gere um Fundo, que existe na conta da Paróquia, a partir do qual mantém o apoio durante todo o ano, particularmente com um cabaz mensal a cerca de duas dezenas de famílias.

Tal Fundo é alimentado por um subsídio anual do Município (mil euros) e pelo peditório anual nas igrejas, no início de Dezembro. Fazemos, pois, um apelo a todos para que contribuam para este Fundo, com a partilha no Ofertório da Missa do próximo fim de semana.

Bem sabemos que são muitas as campanhas em curso, sinal de tempos difíceis que se avizinham. Colaborem generosamente para com os nossos. O Prior e a Equipa agradecem.

Entretanto, o cabaz de Natal ficará, neste ano, reforçado com uma campanha de angariação de bens alimentares, que agora se lança com o contributo especial da Real Irmandade do Senhor da Cruz, que apela à entrega, no templo, de bens alimentares, de modo especial: legumes, batatas, azeite, bacalhau; cebolas, ovos, aletria, leite, frutos secos, bolo-rei, pão de ló, queijo, pão para rabanadas, sonhos...

O objectivo é tornar o Natal dos mais desfavorecidos mais alegre e ajudar a Sócio-caritativa no cabaz mensal.

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Anónimo – 10,00
– Família n.º 799 – 10,00

TOTAL DA SEMANA – 20,00 euros

A transportar: 23.793,95 euros
Despesas até agora: 32.019,80 euros

**DIA PELA ELIMINAÇÃO
DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES:
MAIS DO QUE EDUCAÇÃO SEXUAL,
É PRECISO EDUCAÇÃO CULTURAL**

Martin Buber observava que existem dois tipos de relação: "eu tu" e "eu-isso". Na primeira, a outra pessoa é um "tu". Na segunda, a outra pessoa é um objeto. No femicídio, o masculino considera a mulher o seu "isso", não quer que alguém lhe arranque aquilo que considera sua posse. É a "coisificação" da pessoa, reduzida a objeto. Isto é favorecido por uma perversão da categoria sexo. Na natureza humana estão insitos três níveis de relação: o primeiro é o sexual, fundamental e instintivo; depois há um segundo o do "eros", que começa a ser uma realidade que já não é só instintiva e animal – a descoberta da beleza, da ternura, da fantasia. O terceiro, que chamamos amor, é especificamente humano, e está no nível mais alto.

A cultura contemporânea simplificou estes níveis. Os jovens têm relações sexuais aos 14-15 anos. Pode haver um vislumbre de afeto, mas inserido numa série de experiências de posse. Têm a ideia de posse no cérebro. É preciso ensinar aos jovens a ternura, que faz parte do "eros", e os sentimentos, para que não vivam só a posse. Até há alguns anos, na relação interpessoal tradicional havia contacto de olhares, de cores, de odores. Hoje, a relação acontece nos "chats". É o problema do transhumanismo. Mais do que uma educação sexual, porque os jovens já sabem tudo, é preciso uma educação cultural, não só psicológica. Um dos antecedentes do femicídio é nunca se ser capaz de considerar que o outro tem a sua autonomia, e que não é uma posse.

O fenómeno do femicídio está repleto de números, análises e dados sociológicos. Falta o ponto de vista antropológico. Faz medo a pergunta sobre o porquê, sobre as causas profundas. Aqui entra o discurso do pecado e da liberdade da pessoa. Como lemos no romance "A sonata de Kreutzer", de Tolstói, quando não se protege o sentimento, pode passar-se do amor ao ódio. E há casos em que o mistério do mal é evidentiíssimo: por exemplo, matar a filha da ex-companheira para lhe provocar uma dor indizível.

Tendo mudado a atmosfera que respiramos, é difícil para as instâncias educativas, como a escola ou a Igreja, criar um ambiente diferente; como é que se consegue ensinar aos jovens a ter uma verdadeira relação? A cultura contemporânea não ajuda, e a internet vai numa direção oposta, veiculando violência. Mas isso não significa resignar-se: cultura e comunicação não devem limitar-se a registar os factos noticiosos, mas refletir em profundidade. A cultura pode fazer algo mais.

No passado, a Igreja não fez muito pela valorização da mulher. Hoje, deveria haver um espaço alto, relevante, para reconhecer todas as mulheres que são vítimas, que viveram uma experiência negativa.

Card. Gianfranco Ravasi,
Presidente do Conselho Pontifício da Cultura
Texto adaptado a partir de entrevista ao jornal "La Stampa"
Trad. / adapt.: Rui Jorge Martins,